

A ESPORTIVIZAÇÃO DA CAPOEIRA: DA CULTURA DE MASSA À INDÚSTRIA CULTURAL

THE SPORTIVIZATION OF THE CAPOEIRA: FROM THE MASS CULTURE TO THE CULTURE INDUSTRY

Tadeu João Ribeiro Baptista¹

¹ Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás. Licenciado em Educação Física pela Escola Superior de Educação Física de Goiás. Doutor em Educação pela UFG.

e-mail: tadyb@hotmail.com

Abstract: The capoeira in the last years is going through a process of sportivization that intends to show it like a Brazilian original sport. But, this process can be much more adverse to capoeira's identity that interesting to its development. So, the aim of this text is to discuss the process of capoeira's sportivization, having like references the critical theory of Frankfurt School. For both, it was realized a literature revision, that shows that the insertion of the capoeira in the culture industry logics, understood like a sport don't bring contributions for its development and its acceptance in the actual social context.

Key-words: Capoeira, Sports, Culture Industry.

Introdução

A capoeira é uma prática corporal de origem afro-brasileira que se insere no contexto da realidade do país desde a época da escravidão. É considerada por muitos como "esporte brasileiro"¹ ou como método ginástico brasileiro^{1, 2}. Entretanto, apesar de ser uma prática corporal importante no contexto nacional, a capoeira nem sempre foi valorizada devido à sua utilização durante o século XIX e início do XX.

Assim sendo, o objetivo desse texto é discutir o processo de esportivização da capoeira usando como referência os princípios da teoria crítica da escola de Frankfurt, sobretudo, procurando compreender se esta ação contribui para o desenvolvimento dessa arte, luta e dança brasileira. Tem-se ainda como hipótese a ideia de que a esportivização da capoeira pode contribuir para a sua perda de identidade, não trazendo contribuições significativas para o seu reconhecimento e desenvolvimento na atualidade.

Referencial Teórico

Para construir a argumentação necessária para a discussão dos dados, apresentaremos um breve referencial teórico discutindo três elementos centrais: a capoeira e sua história, o esporte com as suas características centrais e a indústria cultural com os seus objetivos.

A Capoeira - A capoeira é uma prática corporal desenvolvida desde a época da escravidão a qual pode ser reconhecida como um bem cultural produzido e praticado sob dadas condições históricas de produção de vida e assim, socialmente acumulado e transmitido³. Pode ser considerada uma prática com dois ramos específicos, sendo um mais tradicional, o qual é normalmente vinculado à capoeira Angola e outro mais recente conhecido como Capoeira Regional, criada pelo Mestre Bimba^{1,4,5}.

Estudos^{7, 8} mostram a necessidade de se compreender a identidade e os sentidos e significados da capoeira. Entre esses é importante observar que a capoeira em sua vertente mais tradicional, a Capoeira Angola¹, pode ser tratada pelo componente arte, luta, folclore ou esporte.

De acordo com a vertente adotada a capoeira possui características distintas entre as quais poderiam ser mencionadas como principais, as expressas no esquema abaixo¹:

- *Arte*

- Malícia;
- Complementação;
- Jogo baixo;
- Ausência de violência;
- Movimentos bonitos;
- Música lenta;
- Importância do ritual;
- Teatralidade.

- Luta

- Apresenta metodologia de ensino (regional);
- Mudança da classe social dos praticantes;
- Embranquecimento;
- Redução dos cerimoniais, rituais e ludicidade;
- Incorporação de novos elementos de luta (socos e postura militar).

- Folclore

- Entendida como tradição cultural Baiana;
- Descaracterização;
- Sai da rua e passa a recinto fechado;
- Acrescenta elementos para se tornar agradável para “turistas”.

- Esporte

- Crescente burocratização;
- Incorporação de elementos das artes marciais orientais;
- Cooptação ideológica e política da arte pelo sistema;
- Evolucionismo subjacente.

Das características da capoeira destacadas no esquema acima vale destacar as suas características enquanto arte, porque em sua origem essas eram as tendências apresentadas por ela. Por isso, deve se identificar o perfil da capoeira enquanto esporte. Apresentando rapidamente cada uma das peculiaridades da capoeira enquanto arte, deve-se destacar a Malícia como a habilidade de se manter sempre em condição de defesa (fechado), ao mesmo tempo em que ele é capaz de distrair e ludibriar o adversário, demonstrando-se frágil e desprotegido para proferir o seu ataque ou o seu contra-ataque¹.

A Complementação diz respeito à condição de diálogo entre os oponentes, a forma como cada um convida o seu parceiro para o jogo da capoeira. Esta conversa se faz entre os membros do jogo através dos ataques, contra-ataques e defesas de parte a parte¹.

O Jogo baixo é uma das características predominantes da Capoeira Angola, pois nesse jogo, os golpes são feitos muitas vezes com as mãos no chão ou em posições mais flexionadas e encolhidas, embora, ocorram também ataques e contra-ataques nas posições em pé. Todavia, não é uma característica da Capoeira Tradicional a relação de saltos e movimentos acrobáticos, mais comuns na Capoeira Regional¹.

A ausência de violência é outro fato relevante para a Capoeira Angola. Alguns estudos^{1, 4}, comentam ser comum o fato de os capoeiristas jogarem com um sorriso no rosto. Em outras palavras, como o jogo se faz pela complementação, o oponente não é visto necessariamente como um adversário a ser vencido, mas como um parceiro de “vadiagem”, inerente à prática da ludicidade entre os oponentes.

Os movimentos bonitos fazem parte das buscas no jogo da capoeira, mas, há de se considerar esta beleza de

uma estética padronizada, por exemplo, de movimentos retos, acrobáticos. A beleza dos gestos se dá pela capacidade de diálogo com o adversário, pela forma de ação deste. Não são feitos movimentos pela beleza em si, mas como preparação para deslocamentos, ataques e contra-ataques. Neste caso específico, o Angoleiro usa movimentos bonitos para fazer o seu oponente pensar em sua desproteção, estando protegido na realidade. Esses movimentos devem permitir o jogo fluir entre os contendores sem haver interrupções¹.

A música lenta é outra característica da capoeira tradicional. O fato de a música ser mais lenta permite dois aspectos interessantes em relação ao jogo. Por um lado, permite o controle do todo do capoeirista (corpo e mente), gerando várias possibilidades de ação, sendo as mesmas estudadas. Por outro lado, o ritmo cadenciado permite que o jogo dure mais tempo do que na Capoeira Regional, fato possibilitado pela forma diferente de jogar¹.

A importância do ritual se manifesta pelo fato de a capoeira possuir regras não escritas, mas presentes no desenrolar do jogo. A infração das regras leva à desaprovação do transgressor por parte do público, fato este responsável por provocar algumas situações de ridicularização. Por outro lado, o fato de seguir os rituais propostos promove orgulho e prestígio ao praticante em relação ao seu grupo¹.

Finalmente, a teatralidade. Esta é entendida por alguns como coisa do passado. Mas no contexto do jogo, a forma de movimentar as mãos, as expressões faciais de medo, surpresa ou outras, funciona como distração do oponente, e a dramatização adequada pode permitir o jogo fluir melhor, fazendo com que quem recebe demonstre o espírito angoleiro, compreendendo o fato como algo natural¹.

De acordo com Frigerio (s.d., p. 4)¹:

A Capoeira é, insistentemente, uma forma artística complexa, um jogo-luta, uma dança-ritual-teatro, fruto da criação coletiva de um grupo social determinado – no caso, as camadas populares negras do Brasil. Como tal, deve refletir as características mais gerais do grupo do qual surge. Isto se vê claramente na ênfase que se dá, na Capoeira, à malícia e à picardia.

Assim sendo, a Capoeira Angola é uma arte, dança, luta, ritual com tradição e historicidade e ancestralidade⁸ inerentes à sua prática, e a perda de todas estas características pode contribuir para o esvaziamento de sentidos e significados, proposto em vários estudos^{1, 5, 6, 7, 8}.

Todas as características da capoeira, sobretudo, da tradicional não permitiram todo o tempo o seu reconhecimento. Ela era vista como vadiagem, coisa de marginal e só passa a ser reconhecida como prática corporal inerente à cultura brasileira a partir dos anos 1930^{1, 2, 4}. Entretanto, esse reconhecimento se dá pela prática de capoeira por filhos brancos da classe média baiana¹. Este processo, junto com a criação da capoeira regional por Mestre Bimba, enquanto forma de luta, o “embranquecimento” da capoeira, a sua retirada para ambientes fechados, a criação de escolas com

metodologias próprias, vão abrindo espaço para um novo movimento presente a partir dos anos 1960: o processo de esportivização^{1, 4}. Para Frigerio (s.d.) a transformação da capoeira em esporte traz para dentro desta arte-luta-dança atributos diferenciada entre os quais se podem destacar a crescente burocratização; incorporação de elementos das artes marciais orientais; cooptação ideológica e política da arte pelo sistema e um evolucionismo subjacente, a serem brevemente comentados a seguir.

A crescente burocratização diz respeito ao processo de transformação da capoeira em esporte, pois, para ser considerada assim deve apresentar competitividade e regulamentação. Assim, deve desenvolver clubes, ligas, federações e confederações com regras idênticas e com regras e golpes que possam ser avaliados durante as competições. Como a capoeira surge nos movimentos sociais de forma não regulamentada, continua existindo uma série de tensões quanto à participação nas instituições, embora atualmente se conte inclusive com a Federação Internacional de Capoeira^{1, 2, 4, 5}. Dessa forma, existe uma perda da picardia própria da capoeira tradicional.

A incorporação de elementos das artes marciais orientais como a presença de socos, chutes mais retos e técnicos e assim pode ser considerada não só uma luta, mas uma arte marcial nacional, o que pode lhe trazer prestígio frente às outras artes marciais. Advém dessa aproximação, o uso do uniforme branco, os cordões de graduação, as posições marciais de cumprimento e ritual¹, a atitude séria com a conseqüente perda da ludicidade. Estes fatores, com certeza contribuem para certa descaracterização da capoeira, entendendo-se que a seriedade e formalidade de determinadas artes marciais se contrapõe a certa noção de mandinga, de brincadeira e de desafio apresentadas pela capoeira. Neste sentido, a seriedade esportiva é contrária à noção de jogo e de lúdico apresentados por esta arte/luta brasileiras.

A cooptação ideológica e política da arte pelo sistema dizem respeito ao fato de a capoeira perder as suas características contra culturais, negras e populares, adotando ao invés desta postura contra hegemônica uma postura de civismo, força de vontade, cultura, saúde e educação. Destarte, a mudança de postura ideológica e política da capoeira, leva também à tentativa de sistematização e homogeneização das regras, fato ocorrido em Simpósios patrocinados pela Força Aérea em 1968 e 1969. Uma das justificativas para este fato é a necessidade da capoeira deixar de estar associada a um modelo primitivo, negro e popular, para estar vinculada à ciência, às classes médias e aos brancos^{1, 4}.

Por fim, resta a concepção de um evolucionismo subjacente. Dentro dessa ótica, o fato de a capoeira deixar de ser uma luta folclórica para ser um esporte faz parte da lógica do seu desenvolvimento e aceitação social. Deixa de ser uma prática descompromissada para se tornar uma prática objetiva¹. Segundo Frigerio (s.d.)¹ existe o argumento que esta é a única forma de sobrevivência para a capoeira enquanto uma prática

cultural do Brasil, ou seja, como esporte. Uma evidência desse fato é apresentada por Falcão (2006)⁵, quando comenta que existe uma difusão de práticas de capoeira pelo mundo, haja vista, vários capoeiristas terem saído do Brasil para ministrar aulas em diversos países do mundo, principalmente na Europa e América do Norte. Apesar de todas as discussões serem oriundas das ciências sociais, e serem necessárias determinados aprofundamentos, estes não serão possíveis no espaço deste artigo. Todavia, para se entender melhor este processo, é melhor compreender um pouco mais sobre o que seja o esporte.

O Esporte - O esporte moderno tem as suas raízes na Europa do século XVIII com o desenvolvimento da competição, disseminando-se para o resto do mundo. Este acontece com a modificação das práticas corporais das classes populares inglesas, cujos jogos populares se esportivizaram⁹.

O esporte para ser considerado como tal deve possuir certas propriedades e é definido por uma série de estudiosos. Em uma de suas definições, o esporte aparece como “[...] um sistema ordenado de práticas corporais de relativa complexidade que envolve atividades de competição institucionalmente regulamentada, que se fundamenta na superação de competidores ou de marca/resultados anteriores estabelecidos pelo próprio esportista”¹⁰.

O esporte pode ser entendido a partir de sua realização na escola, na comunidade e com as qualidades do alto rendimento, entretanto, o modelo hegemônico da sociedade atual é este último. Ou seja, mesmo nas práticas esportivas vinculadas ao lazer, se buscam formas diferenciadas de se competir e vencer o adversário a qualquer custo⁹.

O esporte contém intrinsecamente, a condição de racionalização, cientificação e competição¹¹. A racionalização diz respeito à constituição de movimentos baseados em uma lógica pragmática, baseado no cálculo e na organização de todo o processo de treinamento, de forma a se alcançar os objetivos propostos¹¹.

Esta racionalização tem como uma de suas grandes aliadas o processo de cientificação. Nesse caso, o esporte passa por uma série de experiências, com todas as suas variáveis controladas para que os resultados possam demonstrar crescimento constante. A ciência biológica de modelo positivista se constitui na essência dessa perspectiva esportiva, principalmente no alto rendimento¹¹.

Finalmente, a questão da competição. Esta é por sua vez a principal atribuição para o esporte. Não é possível falar em esporte sem se discutir a necessidade de superação de uma marca individual ou coletiva ou de um adversário¹¹. De maneira geral isso deve ser feito a qualquer custo, independentemente dos meios usados para se alcançar os objetivos propostos. Para isso, vale usar inclusive uma série de recursos ergogênicos os quais não fogem necessariamente da lógica da prática esportiva¹².

Outro estudo demonstra outras características do esporte além da competição, sendo elas a propriedade privada e o individualismo¹³. A propriedade privada se caracteriza pela retenção de clubes e atletas por sua capacidade de produzir lucro. Em outras palavras, os clubes e atletas tornam-se, em certo sentido, meios de produção para uma classe dominante, a qual, mesmo pagando altos salários, terá um ganho significativo nessas situações. Por outro lado, o esporte também valoriza o individualismo, uma evidência disso, seria o uso de movimentos acrobáticos como forma de agradar o público, independente do seu contexto de utilização no jogo.

O esporte recebe também outras críticas do ponto de vista da sociologia do esporte. Uma dessas críticas tem orientação na escola de Frankfurt⁹. Nessa análise existem algumas apreciações do esporte como um sistema reificado devido ao trabalho; um instrumento de repressão, principalmente por causa do esvaziamento de necessidades básicas e; um fenômeno de manipulação e adaptação, sendo as mesmas obtidas pelas funções de compensação, socialização e socialização alcançadas pelo esporte (pp. 29-30)⁹. O mesmo Bracht⁹ apresenta diferentes perspectivas de análise do Esporte, no entanto, será adotada a perspectiva que melhor corresponde a proposição deste texto.

Desse modo, podemos identificar o esporte como uma prática da modernidade que atende a interesses do modo de produção capitalista, pois, ao controlar o corpo do homem, é possível controlar também a natureza. Contudo, esse processo demonstra o esporte como uma grande vantagem enquanto prática humana de melhoria das condições individuais e sociais, tornando esta forma de prática corporal superior às demais. Mas, o processo de convencimento em relação a esta ideia só se torna possível em decorrência da ação da Indústria Cultural^{9, 11, 12}.

A Indústria Cultural - A discussão a respeito da indústria cultural foi elaborada dentro da tradição da Teoria Crítica desenvolvida pelos pesquisadores do Instituto de Pesquisas Sociais, vinculado à Universidade de Frankfurt na Alemanha e por isso é conhecida como Escola Frankfurt^{14, 15, 16}. A Teoria Crítica tem como pressuposto a fundamentação em uma série de autores, entre os quais está Marx¹⁴. A teoria crítica se propõe a analisar a sociedade de forma que se possa desvelar a sua realidade, identificar a sua essência e aprofundar o debate sobre as relações sociais em todos os seus âmbitos¹⁴. Entre as categorias levantadas pela Escola de Frankfurt foi a indústria cultural.

A indústria cultural é um tema discutido por vários autores^{14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26} no Brasil e no mundo. Entretanto, a grade referência para este tema são as obras de Adorno e Horkheimer^{18, 19, 20, 21, 22, 23, 24}. Porém, não se pode discutir a ideia de indústria cultural sem se compreender o que seja a própria cultura e a cultura de massa. Esses conceitos são fundamentais para entender a relação da indústria cultural com o esporte e a capoeira e o seu processo de esportivização.

A cultura é compreendida como a produção constituída pelo ser humano em decorrência do trabalho entendido como processo de transformação da natureza pelo homem, havendo, associado a esse processo a modificação da consciência do homem. Todavia, a cultura vai para além das construções materiais, dos instrumentos e de sua utilização, dos processos de organização e de sua produção. A cultura também se constitui pelas relações sociais determinadas pelos comportamentos, valores, normas e regras de um contexto social^{17, 27}.

Destarte, a cultura é organizada pelas relações de produção, pela organização da vida em sociedade. A cultura no modo de produção capitalista adquire uma forma específica na qual todos os seus conhecimentos e processos são geridos pelas classes dominantes, configurando a chamada cultura administrada^{17, 19}. Cabe a este modelo de cultura organizar cada componente da vida em sociedade com o objetivo de a mesma alcançar o seu objetivo mais amplo: o lucro.

É neste contexto social, analisado por Adorno e Horkheimer (1985) durante a estada desses autores nos Estados Unidos durante os anos 1940, que aparece o termo “cultura de massa”^{19, 23}. De acordo com Horkheimer²⁹ a cultura de massa pode ser usada como forma de pressão social. Segundo ele:

Todos os meios da cultura de massas servem para reforçar as pressões sociais sobre a individualidade, evitando todas as possibilidades de que o indivíduo se preserve de algum modo em face dos mecanismos pulverizadores da sociedade. A acentuação do heroísmo individual e do self-made man nas biografias nos romances e filmes pseudo-românticos não invalidam essa observação. Esses incentivos mecânicos de auto-conservação na verdade aceleram a dissolução da individualidade. (HORKHEIMER, 1976, p. 169)²⁹.

Entretanto, com o passar do tempo, este termo era usado para vincular a produção cultural às classes socialmente desfavorecidas. Para se evitar a confusão, estes autores passam a adotar o termo indústria cultural¹⁹. Posteriormente, o próprio Adorno vai apresentar a distinção entre o termo cultura de massa e indústria cultural no seguinte trecho:

A expressão indústria da cultura foi provavelmente utilizada pela primeira vez no livro *Dialética do Iluminismo* que Horkheimer e eu publicamos em Amsterdão¹, em 1947. Nas versões iniciais, falava-se de “cultura de massas”. Substituímos esta expressão por “indústria da cultura” a fim de excluir, logo à partida, a interpretação que convém aos advogados daquela, ou seja, que se trataria de qualquer coisa como uma cultura que surge espontaneamente das próprias massas, a forma contemporânea da arte popular. A indústria da cultura encontra-se nos antípodas de tal concepção. Ela reorganiza o que há muito se tornou um hábito, dotando-o de uma nova qualidade. Em todos os sectores, os produtos são fabricados mais ou menos segundo um plano, talhados para o consumo das massas ou menos segundo um plano, talhados para o consumo das massas e, em larga medida, determinando eles próprios esse consumo. (ADORNO, 2003, p. 97)¹⁹ (Grifo do autor).

¹ Esta grafia deve-se à escrita no texto de Adorno com tradução portuguesa.

Logo, a indústria cultural pode ser compreendida como:

A “*Indústria Cultural*” pode ser entendida como um instrumento de pressão da sociedade sobre o indivíduo através da utilização de elementos culturais que se tornam acessíveis pelo cinema, pela televisão e por outros meios de comunicação de massa. Esses são utilizados como formas de cooptarem os indivíduos para uma atuação de acordo com os interesses e as necessidades do modo de produção, fazendo a lógica industrial prevalecer não apenas nos momentos de trabalho, como também nas horas de repouso de cada pessoa. (BAPTISTA, 2001, p. 74)¹³

Esta definição procura demonstrar a indústria cultural como instrumento do ideário capitalista, para disseminar os interesses desse modo de produção, mas, o qual se diferencia na atualidade da perspectiva da cultura de massa^{13, 17}.

A cultura de massa diz respeito aos bens culturais elaborados por dado grupo social como forma de resistência, de luta, de manutenção de sua historicidade, ancestralidade e identidade em um contexto de sobrevivência e de tensão face às mercadorias produzidas pela indústria cultural^{17, 19, 24}. Por outro lado, a indústria cultural elabora seus produtos procurando alcançar certos objetivos os quais não possuem uma ordem de prioridade e serão mencionados a seguir.

O primeiro dos objetivos diz respeito à administração da cultura. Administrar a cultura significa organizar os processos culturais atendendo as necessidades de lucro das classes dominantes, mas, ao mesmo tempo dando à classe trabalhadora a sensação de liberdade, de descanso e de interesse da burguesia pelos proletários. Contudo, ao fazer isso, a grande intenção é simplesmente recuperar a força de trabalho para a produção no dia seguinte de trabalho^{17, 24}.

Outro objetivo da indústria cultural é o desenvolvimento e utilização da reprodutibilidade técnica. Este processo garante a ampliação da produção dos diversos bens culturais, facilitando o acesso da população às mercadorias produzidas¹⁷.

O desenvolvimento da reprodutibilidade técnica por sua vez facilita a produção e venda de produtos, sendo este o terceiro objetivo. Ao facilitar o processo de fabricação de mercadorias, a indústria cultural consegue criar, perfazer e vender para consumidores diferenciados, de todos os níveis sociais. Afinal, a produção determina o produto, o consumo e o consumidor¹⁷.

Devido à ampliação da produção e da venda das mercadorias, atinge-se finalmente a massificação. A massificação, neste sentido, merece duas análises distintas e complementares. A primeira diz respeito à massificação do próprio bem consumido, pois, quanto maior for a venda, maior será o lucro para o dono do meio de produção. Por outro lado, a massificação também acontece ao nível da consciência, porquanto, ao adotar a mesma lógica social, as pessoas passam a aceitá-la e considerá-la natural, mesmo quando o próprio consumidor é prejudicado¹⁷. Ademais, a diferença plena é a semelhança absoluta²⁴.

Assim, alcança-se a cooptação dos indivíduos. As pessoas passam a se identificarem com as mercadorias, as ideias disseminadas, facilitando o processo de aceitação das regras sociais por todas as camadas da sociedade. Assim administrar a cultura, alcançar os objetivos da sociedade se torna mais fácil¹⁷. Se for usado um modelo dentro das práticas corporais, pensar na esportivização facilita o processo de disseminação da disciplina, das regras, do individualismo e da competição, por exemplo^{13, 17}.

Finalmente, é possível identificar a pré-digestão. Ela acontece pelo processo de esvaziamento da reflexão, pela retirada da necessidade de se pensar e decidir o que é melhor, haja vista, tudo já estar determinado de acordo com a hierarquia e o interesse social, embora, nem sempre este se apresente pelo benefício da maior parcela da população¹⁷.

Metodologia

O presente texto parte de uma revisão de literatura elaborada em livros com temática pertinente, em base de dados eletrônicos como Scielo, Lilacs e revistas indexadas da área da educação física acessadas eletronicamente, principalmente a Revista Brasileira de Ciências Sociais, A Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Caderno Cedes e Revista Conexões, durante o mês de Outubro de 2010. Foram usados como descritores as palavras capoeira, esportivização e indústria cultural.

Discussão

A discussão sobre a esportivização da capoeira é controverso e não encontra consenso nem na comunidade capoeirista no Brasil, nem na literatura pertinente. Estudos como o de Frigerio (s.d.)¹ e o de Alves e Montagner (2008)⁴ apresentam aspectos positivos e negativos sobre a transformação da capoeira em esporte. Entre os argumentos considerados positivos por Alves e Montagner (2008)⁴ encontram-se a disseminação do esporte por meio de torneios e competições, atendimento a outras demandas do mercado como a estética e a saúde, a internacionalização, a sua cientificidade, o ganho de visibilidade, a construção da supremacia do Brasil neste esporte e a construção da sua identidade nacional, a construção de regras claras e a garantia de manutenção da integridade física dos atletas, a profissionalização de atletas e professores, podendo-se garantir assim o sustento dessas pessoas e o aproveitamento da capoeira pelo marketing esportivo.

Por outro lado, Alves e Montagner (2008)⁴ apresentam os argumentos contrários, entre os quais é possível identificar a exclusão dos mais fracos, uma vez que irá se priorizar os mais hábeis, supervalorização do tecnicismo e das capacidades biológicas e motoras sobre outros contextos da prática, falência financeira dos

grupos não vinculados ao esporte, seletividade pela lógica dos vencedores e perdedores, perda da hegemonia brasileira devido ao processo de treinamento de alto rendimento e de cientificidade dos outros países. Além disso, as características apresentadas por Frigerio (s.d.)¹ também podem ser entendidas como negativas, como o aumento da burocratização, incorporação de elementos das artes marciais orientais perdendo assim as suas características originais; a cooptação ideológica e política da arte pelo sistema, componente este presente na lógica da indústria cultural, conforme é apresentado por Baptista (2001 e 2007)^{13, 17} e também o evolucionismo subjacente, como se a transformação da capoeira em esporte fosse necessariamente um elemento positivo para a sua prática.

Pode-se perceber nos dados apresentados pelos diferentes estudos, como o de Falcão (2006)⁵, Castro Junior (2004)⁸, Santos (2009)⁷ e Almeida; Tavares e Soares (2006)⁶ a procura por compreender a capoeira em sua essência, procurando respeitar a sua ancestralidade, a sua historicidade, a sua identidade, os seus sentidos e significados faz da capoeira uma prática corporal única por sua raiz afro-brasileira, pela presença da musicalidade e dos movimentos e forma de jogar/lutar/dançar, se fazem de forma inconfundível.

Partindo desta raiz afro-brasileira, de sua ancestralidade e da sua representatividade junto aos seus praticantes, a capoeira não pode perder a sua condição de dança, jogo e luta. Enquanto dança, representa a ginga, a expressividade rítmica e construção da corporalidade brasileira. A sua capacidade de uso dos pés se aproxima do samba e do futebol que também são considerados elementos de identidade do brasileiro.

Enquanto jogo, a capoeira apresenta certa representatividade da realidade, por meio da qual é possível pensar possibilidades:

Nessa perspectiva, as análises aqui efetuadas colocam em tensão alguns conceitos de jogo difundidos entre pesquisadores no campo da Educação Física, como, por exemplo, o de Huizinga (1990, p. 16), para quem o jogo consiste numa “atividade livre, conscientemente tomada como ‘não séria’ e exterior à vida habitual [...] uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter qualquer lucro” (apud FALCÃO, 2006, p. 60)⁵.

A capoeira neste jogo é usada atualmente não apenas em sua condição de jogo, mas em sua profissionalização. Este jogo põe em jogo a lógica do jogo da capoeira⁵, enquanto forma de expressão da teatralidade própria do povo. A não consideração destes aspectos interfere na prática da capoeira, e culminará no processo de transformação da capoeira em esporte, o qual pode por sua vez, suprimir a sua condição de ludicidade.

Outro aspecto a ser considerado na capoeira é a sua dimensão de luta. Este processo faz parte da constituição da capoeira pois, pode-se identificar uma passagem apresentada por Almeida, Tavares e Soares (2008, p. 175)⁶: “Nesse contexto, Mestre Zulu apresentou o ideário do grupo Beribazu a partir de um

duplo argumento de legitimação: a) o da tradição “arte-luta” da capoeira com sua origem libertária e negra como arte popular [...]”. Para estes autores, este é um dos componentes essenciais no processo identitário da capoeira, pois, não há como considerar a construção da capoeira fora da sua dimensão de luta do povo negro e a sua busca de libertação da escravidão. Assim, a capoeira em sua dimensão de dança, jogo e luta constitui um processo histórico próprio.

É necessário fazer a pergunta proposta por Taffarel (2005)³. Afinal, qual é o projeto histórico que se pretende seguir com a capoeira? Se a resposta estiver vinculada à necessidade da capoeira se difundir, tornar-se financeiramente rentável, científica a resposta é de que a capoeira precisa converter-se em esporte, para que estes e os outros objetivos apontados no texto de Alves e Montagner (2008)⁴ se efetivem.

Por outro lado, se o objetivo for consolidar a capoeira enquanto patrimônio cultural brasileiro, mesmo tendo a consciência de sua transformação e modificação em relação a dadas características de sua origem, provavelmente a resposta seja negativa, ou seja, a capoeira não deve se converter em um esporte institucionalizado, embora, de acordo com Falcão (2006)⁵ isso já esteja acontecendo, pois, já é possível identificar a existência da Confederação Brasileira de Capoeira e da Federação Internacional de Capoeira.

Entretanto, antes de se fazer esta opção por paixão ou apenas para defender certas posições, deva se compreender se as principais características do esporte são desejáveis. De acordo com Kunz (2000)¹¹, essas características passam pela racionalização, cientificação e competição.

A racionalização traria para a capoeira os processos de aprimoramento dos golpes, desenvolvimento pragmático das habilidades, direcionados para os atletas vencerem as competições, o uso de esteroides anabólicos como forma de aprimorar o desempenho, afinal como comenta Vaz (1999)¹² não há contradição entre os objetivos do esporte e o uso das substâncias ergogênicas.

A cientificação por sua vez contribuiria para aprimorar os processos de treinamento da capoeira. Assim, poder-se-ia facilitar o próprio processo de internacionalização da capoeira. Entretanto, isso pode facilitar a perda de hegemonia brasileira da capoeira, haja vista, a maior capacidade de uso das ciências do esporte por outros países como os Estados Unidos, o Canadá, a Alemanha, entre outros, conforme é discutido por Falcão (2006)⁵.

Além disso, de acordo com Dantas (1998)²⁸ o processo de treinamento esportivo passa por uma fase considerada por ele como de marketing esportivo, o que poderia contribuir para a disseminação da capoeira e aumento dos ganhos daqueles que lidam esportivamente com ela. Este fato seria consolidado com o aumento do rendimento dos atletas e o aumento do número de vitórias do país nas competições internacionais.

Finalmente, a competição apontada por Kunz (2000)¹¹ e por Guedes (2000)¹⁰ como uma característica

central do esporte. A competição poderia funcionar pelo aspecto positivo, consolidando o papel do Brasil no topo das competições de capoeira, como poderia também, promover a sua queda no ranking esportivo, uma vez que, vários professores brasileiros seriam contratados para treinar equipes de outros países. Haveria um aumento de renda para estes professores, mas por outro lado, em médio e longo prazo poderia ocorrer o desenvolvimento de professores e atletas de maior qualidade em outros países.

Há de se considerar ainda a relação do esporte com a indústria cultural, mas devendo-se antes refletir sobre o elo entre a capoeira e a cultura de massa. Ao pensar na perspectiva atual da cultura de massa a partir de Adorno e Horkheimer (1985)²⁴, os elementos culturais advindos das classes populares o farão por meio do desenvolvimento de sentidos e significados inerentes aos valores, normas e regras desse grupo ou desse povo. Assim, fica fácil manter tradições, história, respeito aos ancestrais, rituais próprios e identidade, relacionados ao perfil da população, como sugerem Falcão (2006)⁵, Castro Junior (2004)⁸, Santos (2009)⁷ e Almeida; Tavares e Soares (2006)⁶.

Todavia, com o processo de esportivização é uma das formas utilizadas pela indústria cultural para cooptar grupos e, nesse caso específico, práticas corporais o desenvolvimento desse contexto se faz pelo esvaziamento dos sentidos. Esse fato poderia ser justificado pela necessidade de se evitar resistências dentro dos novos grupos de praticantes, mas na realidade, as características de ritualidade, identidade e tradição se perdem, são esvaziadas para facilitar os processos de administração da cultura e de pré-digestão apontados por Baptista (2007)¹⁷ e por Adorno (2003)¹⁹.

Logo, se a capoeira faz o movimento de passagem de um componente da cultura de massa para a sua apropriação como esporte pela indústria cultural, isso não vai acontecer de forma inócua, ou seja, respeitando e garantindo o perfil das tradições, dos ritos e da manutenção da forma própria de jogar da capoeira, mesmo considerando o seu ramo na capoeira regional, a qual já se consolidou como um dos ramos dessa arte/dança/luta brasileira.

Enfim, o processo de esportivização da capoeira e o seu envolvimento com a indústria cultural, pode fazer da mesma, mais uma prática sem sentido e mecânica na sociedade atual.

Considerações Finais

Ao concluir o presente texto, muito mais do que apresentar as respostas, pretende-se apontar reflexões sobre os possíveis benefícios e malefícios da conversão da capoeira em esporte. Baseado apenas na revisão de literatura a respeito da capoeira seria possível dizer que este estudo é inconclusivo, pois, as respostas sobre os desdobramentos dessa mudança ainda não estão claros.

Todavia, se for se responder ao objetivo a partir da leitura da teoria crítica, a resposta é mais evidente, pois,

não há grandes benefícios em se converter a capoeira em um esporte, passando-se a representa-lo na lógica da indústria cultural. Porém, essa resposta é provisória, uma vez que apenas a história traz em si os critérios de verdade. Assim sendo, o processo de esportivização não apresenta elementos até aqui, condizentes com o desenvolvimento desta prática e um melhor reconhecimento no contexto social.

Referências

- 1 Frigerio A. Capoeira: de arte negra a esporte branco. RBCS. 10. [acesso em 2010 Nov 25]. [aproximadamente 5 p.]. Disponível em: http://www.anpocs.org.br/porta/publicacoes/rbcs_00_10/rbcs10_05.htm.
- 2 Hilário GR. Educação Física e Capoeira: Cultura Popular e Indústria Cultural no Jogo de Roda. [acesso em 2010 Nov 25]. [aproximadamente 30p.]. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/314-4.pdf>.
- 3 Taffarel CNZ Capoeira e projeto histórico. In: SILVA AM, DAMIANI, R. Práticas Corporais: gênese de um movimento investigativo em educação física. v.1. Florianópolis: Nauembla Ciência & Arte; 2005. p. 75-97.
- 4 Alves LP, Montagner PC. A esportivização da capoeira: reflexões teóricas introdutórias. Conexões, 2008; 6: 510-21.
- 5 Falcão JLC. O jogo da capoeira em jogo. Rev. Bras. Cienc. Esporte. 2006 jan; 27(2): 59-74.
- 6 Almeida JA, Tavares O, Soares AJ. Discursos identitários da Capoeira na Revista Brasileira De Ciências Do Esporte (RBCE). Rev. Bras. Cienc. Esporte. 2008 set; 30(1): 171-85.
- 7 Santos GO. Alguns sentidos e significados da capoeira, da linguagem corporal, da educação física... . Rev. Bras. Cienc. Esporte. 2009 jan; 30(2): 123-36.
- 8 Castro Júnior LV. Capoeira angola: olhares e toques cruzados entre historicidade e ancestralidade. . Rev. Bras. Cienc. Esporte. 2004 jan; 25(2): 143-58.
- 9 Bracht V. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. 3ª ed. Ijuí: Unijuí; 2009.
- 10 Guedes DP. Abordagens quanto às relações atividade física, aptidão física e saúde. In: Moreira WW, Simões R, organizadores. Fenômeno Esportivo no início de um novo milênio. Piracicaba: Unimep; 2000. p. 123-135.
- 11 Kunz, E. Transformação didático-pedagógica do esporte. 3ª ed. Ijuí: Unijuí; 2000.

- 12 Vaz AF. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. Cad. CEDES. 1999 ago; 48: 89-108.
- 13 Baptista TJR. Procurando o lado escuro da lua: implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de Goiânia. [Dissertação de Mestrado em Educação]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2001.
- 14 Matos OCF. Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo. 2ª ed. São Paulo: Moderna; 2005.
- 15 Duarte R. Teoria Crítica da Indústria Cultural. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; 2007.
- 16 Evangelista EGS. Razão Instrumental e indústria cultural. Interação. 2003 jan/jun; 28 (1): 83-101.
- 17 Baptista TJR. Educação do corpo: produção e reprodução. [Tese de Doutorado em Educação]. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.
- 18 Adorno TW. Indústria cultural e sociedade. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra; 2006.
- 19 Adorno TW. Sobre a indústria da cultura. Coimbra: Angelus Novus; 2003.
- 20 Adorno TW. Educação e emancipação. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2000.
- 21 Adorno TW. O fetichismo na música e a regressão da audição. In: Adorno TW. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural; 1999. p.65-108.
- 22 Adorno TW. Palavras e sinais: modelos críticos. 2ª Petrópolis: Vozes; 1995.
- 23 Adorno TW. Mínima moralia: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática; 1993.
- 24 Adorno TW, Horkheimer M. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1985.
- 25 Baptista TJR, Araújo DR, Brito JC. Belíssima ou beleza pura: novela e modelo de beleza feminina. Estudos. 2009 set/out; 36 (9/10): 1073-89.
- 26 Baptista TJR. O Corpo na tensão entre a produção e o consumo: reflexões a partir da indústria cultural. Educativa. 2008 jul/dez; 11 (2): 277-98.
- 27 Horkheimer M. Teoria crítica I: uma documentação. São Paulo: Perspectiva; 1990.
- 28 Dantas EHM. A prática da preparação física. 4ª ed. Rio de Janeiro: Shape; 1998.
29. Horkheimer, M. Eclipse da razão. Rio de Janeiro: Ed. Labor do Brasil, 1976.